

# REFLEXÃO EM FREIRE: PROFESSOR EM CONTÍNUA APRENDIZAGEM

Lenice Lima Miranda<sup>1</sup>

Prezado Paulo Freire,

Espero que esteja bem. Eu, aqui estou em uma tarde ensolarada primaveril, envolta por um gramado verde, com seus canteiros de flores coloridas e perfumadas. O vento, vindo da direção da lagoa, passa por entre as árvores e parece assobiar, visão essa que se contrasta com o preto negro do asfalto recém lavado pela chuva passageira. Os carros vêm e vão, assim como grupos de jovens estudantes esbanjando alegria através de seus sorrisos fartos e gestos expansivos. Certamente, eles por aqui passam em busca de seus sonhos e da construção de um futuro promissor.

Visualizo este cenário sentada ao lado do prédio do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa – Minas Gerais, enquanto faço uma breve pausa da releitura de uma de suas cartas “Professora–tia: a armadilha” do livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”<sup>2</sup>, a segunda vez que tenho a grata oportunidade de refletir sobre essa obra. A primeira foi durante minha graduação em Pedagogia, final da década de 1990, exatamente quando ela foi lançada; e, nesse momento, como discente da Pós-graduação stricto sensu em Educação. Isso mesmo, após mais de duas décadas atuando em diversas modalidades da educação, ingressei no Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Viçosa.

Essa instituição está classificada entre as melhores do mundo e a 16ª do país, um verdadeiro orgulho para todos que veem a educação como a peça fundamental para a transformação da nação. Nesse sentido, parafraseando Mário Sérgio Cortella<sup>3</sup>, ousou dizer que a sorte segue a coragem; e é Coragem com letra maiúscula. Enfatizo isso, porque sair da zona de conforto na qual me encontrava profissionalmente e voltar a estudar exigiu de mim muita coragem e motivação. Isso se deu, principalmente, pela vontade que tenho de fazer a diferença na vida das crianças que ainda passarão por mim no trajeto escolar. Acredito que ainda preciso, a cada dia, buscar motivos para me reencantar pela educação, já que as transformações que tanto buscamos e almejamos no mundo e nas pessoas passam, pois, necessariamente por ela, por isso essa retomada se faz tão importante.

Assim, por meio dessa nova oportunidade, mais uma vez me coloco à disposição a aprender, pois como você mesmo diz “não existe ensinar sem aprender”, aprender enquanto viva estou, aprender para poder ensinar, aprender para construir a minha obra e, assim como você, quem sabe, também, deixar o meu legado. Dessa forma, novamente, recorro a Cortella

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola (1998). Licenciada em Educação Especial pela Universidade de Santa Cecília (2020). Pós-Graduada em Inspeção escolar pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá (2006) e, também, em Educação Infantil (2020) e Educação Especial (2021) pela Faculdade Única de Ipatinga-MG.

<sup>2</sup> FREIRE, P. **Professora Sim, Tia Não: cartas a quem ousa ensinar**. 5. ed. São Paulo, 1993. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/armadilha>.

<sup>3</sup> CORTELLA. M.S. **A sorte segue a coragem. Oportunidade, competências e tempos de vidas**. 1. ed. (2018).

para expressar esse sentimento que tenho pelo aprender, já que ele, em uma fala, na semana de SINAOP<sup>4</sup>, realizada em 2013 na cidade de Vitória-ES, enfatizou que:

Todo mundo sabe que vai morrer, mas tem muita gente que não faz nada com isso e insiste em ter uma vida fútil, banal, superficial. Morrer é ser esquecido, ou seja, enquanto você se fizer lembrar, não terá morrido. A única forma de ficar, é ficar nos outros. A obra imortal não é a física, é aquilo que não degrada, não estraga, não empobrece.

E, para mim, ser professor ou professora possibilita realizar esse legado: ser imortal, pelo menos por um certo período de tempo. Pois, penso, Freire, que, enquanto um de seus ex-alunos lembrar ou mencionar algum momento construído ou vivido com você, você estará, sim, vivo na presença daqueles que aí ficaram.

Ao ler e refletir sobre uma escrita sua nesta carta que lhe estou respondendo, a qual citarei logo em seguida, veio-me à memória o livro *O Capital*, de Karl Marx<sup>5</sup>. Nele, o autor escreve que tanto a aranha que tece sua teia quanto a abelha que constrói seu favo diferem do homem, que também constrói a casa. Contudo, este último a realiza numa dimensão pensada, ordenada, organizada sobre o objeto a ser construído. Levando essa ideia em consideração, acredito que o você reflete sobre a escrita relaciona-se intimamente ao que Marx pontuou, já que você sabiamente ressaltou que:

É que, na verdade, escrever não é um puro ato mecânico, precedido de um outro, que seria um ato maior, mais importante, o ato de pensar ordenadamente, organizadamente, sobre um certo objeto, em cujo exercício o sujeito pensante, apropriando-se da significação mais profunda do objeto sendo pensado, termina por apreender a sua razão de ser. Termina por saber o objeto. A partir daí, então, o sujeito pensante, num desempenho puramente mecânico, escreve o que sabe e sobre o que pensou antes (FREIRE, 1993, p.07).

Isso me remete a compreender que o pensamento vai e vem, vagueia e retorna aos seus ensinamentos, Paulo. Tal questão se faz verdadeira, uma vez que o ato de escrever não pode ser reduzido a um exercício mecânico, porque é mais complexo do que pensar sem escrever.

Depois dessas reflexões, proponho-me a continuar a pensar nos instigantes pensamentos que o seu livro me proporcionou e nas palavras escolhidas por você durante a obra. Sabe, querido patrono, gosto de pensar no significado das palavras para tentar compreender melhor o mundo. Assim, me questiono: tia? o que significa? Segundo o dicionário da Língua Portuguesa, tia é a irmã do seu pai ou da sua mãe e ponto. Em contrapartida, professora é a pessoa que ensina uma ciência, arte, técnica ou outro conhecimento e, para o exercício dessa profissão, requer-se qualificações acadêmicas e pedagógicas, para que seja possível que o profissional ensine a matéria de estudo da melhor

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.tcees.tc.br/mrio-srgio-cortella-encerra-com-chave-de-ouro-a-semana-de-sinaop/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

<sup>5</sup> MARX, K. **O Capital - Livro I – crítica da economia política**: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

forma possível ao aluno. Mesmo quando falamos das professoras da educação infantil – digo professoras, porque as mulheres são maioria na categoria de docentes –, conforme demonstram os dados do censo escolar de 2020, que enfatizam que o Brasil pode ser considerado um país de professoras – 81% no total geral da Educação; na educação infantil, as mulheres ocupam 96,4% das vagas.

Além disso, a sociedade associa a profissão como mais adequada ao perfil das mulheres, cuja grande maioria tem filhos, o que acaba fazendo com que nós sejamos vistas como mais atenciosas, delicadas, meigas e pacientes, características que, diretamente, são associadas ao papel de uma mãe. Porém, para ser professora não é bem assim, não basta querer, é preciso uma formação acadêmica, exigida e assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96)<sup>6</sup>, no artigo 62, que explicita que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Destaco, também, querido educador, como se faz necessária uma formação durante a trajetória profissional. Isso é importante, pois ser professora não é só cuidar da criança, satisfazendo suas necessidades básicas à sobrevivência com afeto, mas também educá-la. Isso requer, portanto, conhecimento, formação e preparação, afinal, as competências necessárias exigidas ao magistério, através da formação, vão muito além do afeto e do cuidado que as tias podem oferecer às crianças. Por exemplo, uma tia de sangue pode ser também professora daquela criança, mas ela não será parente ou membro da família de todas as crianças. Além do mais, a professora tem um nome, escolheu e exerce uma profissão que com a tal deve ser identificada na sociedade. Acredito, Paulo, que as crianças consigam compreender isso com muita tranquilidade, desde que seja explicado a elas.

A tarde cai e o barulho dos estudantes passando, assim como o dos carros, diminuem bastante, só o vento continua e parece me fazer ouvir você dizendo:

Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos, mas não se pode ser autenticamente professora mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos (FREIRE, 1993, p. 09).

Compreendo, então, que ser professora implica assumir uma profissão. Porém, me indago, o que você mesmo quis dizer com isso? Penso que gostaria que nunca esquecêssemos a nossa condição de eternos aprendizes, para, assim, ensinarmos e aprendermos com prazer, com seriedade, preparo físico e porque não emocional-afetivo? Acredito ainda que a coragem

---

<sup>6</sup> BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Federal 9394 de dezembro de 1996.

e a ousadia são outras duas características, dentre muitas outras, que precisam estar presentes na profissional professora. Coragem e ousadia para começar a profissão, para permanecer nela e, principalmente, para fazer aos outros e a si mesmo o que a educação propõe em meio a tantas adversidades como as que conhecemos e enfrentamos na trajetória docente.

Continuando minha análise sobre as palavras do título da carta que estou a refletir, busco entender o significado dicionarizado de armadilha. Nele, leio que esta palavra significa: 1. artifício para caçar animais; esparrela. 2. militar: engenho de guerra explosivo, oculto ou dissimulado, para ser acionado inadvertidamente pelo inimigo. 3. *figurado* embuste; estratagemas; cilada. 4. *figurado* engano; logro. 5. *figurado* situação perigosa a que é difícil escapar.

Leio de novo: *situação perigosa a que é difícil escapar*. E, a partir dessa ideia, penso ser esse o seu intuito ao colocar a palavra armadilha no título, ou seja, nos levar a reflexão e nos oportunizar a conscientização do risco que cada uma de nós professoras estamos correndo ao aceitarmos passivamente esse singelo e aparentemente inofensivo tratamento. Aliás, ao contrário, tratamento que quer nos levar a adentrar pelos caminhos do sentimentalismo, do afeto, do trabalho menos valorizado, do silenciamento, de lutar pelo direito de sermos reconhecidas como profissionais, principalmente quando somos interpeladas pelo sentimentalismo, ao ouvir que devemos: “trabalhar por amor, por gosto, por vocação”. Isso, estimado Freire, causa-me muita, mas muita indignação, pois trabalho com amor, dedicação e muito profissionalismo há vinte e sete anos e nunca deixei de olhar meus alunos como seres humanos, de ouvi-los, de apoiá-los em suas fragilidades, tentando compreender suas necessidades. Por outro lado, ser profissional é um direito. Por isso, quero e gosto de me sentir respeitada, pois cursei duas graduações, *Latu Sensu* e agora o *Stricto Sensu*, sem contar as inúmeras formações continuadas feitas durante essa jornada.

Voltando a pensar sobre a questão da escolha do léxico armadilha que mencionei anteriormente, estou lembrando de uma passagem bastante interessante que li uma vez, em que citavam Chuang, famoso filósofo da China antiga, do século IV a.C. Nesse excerto, era frisado que:

[...] o objetivo de uma armadilha de peixes é pegar peixes; quando eles caem na armadilha, ela é esquecida. O objetivo de uma armadilha para coelhos é pegar coelhos; quando estes são agarrados, esquece-se a armadilha. O objetivo das palavras é transmitir ideias. Quando estas são apreendidas, as palavras são esquecidas. Onde poderei encontrar alguém que se esqueceu das palavras? É com ele que gostaria de conversar (NEVES, 2017, p.131)<sup>7</sup>.

Volto, então, a refletir: seria, nesse mesmo viés, a introdução da palavra “tia” para denominar a professora? Não só querendo aqui entender o significado isolado de cada palavra, mas para além disso, busco, prezado Paulo, compreender o seu real significado enquanto inseridos num processo rizomático, numa trama de relações. Também acredito que, enquanto persistir a denominação de “tia” para fazer referência à professora, que parece

---

<sup>7</sup> NEVES, E. **Nunca é tarde**. Porto Alegre, 2017.

algo inocente, persistirá, ainda, o caráter ideológico da denominação como armadilha utilizada pelos governantes para impedir que elas lutem por seus direitos. Assim, penso eu, a partir da leitura de sua carta, que, desde que essa ideologia persista, as professoras estarão presas na armadilha do silenciamento, da impossibilidade de construir sua identidade como profissional, como sujeitos de direito e de serem reconhecidas na sociedade como tal. Assim, se a educação, um assunto de interesse público, não for tratada com o devido respeito, não superaremos a já habitual situação de tratamento de desinteresse e de desprezo que presenciamos no Brasil nos últimos anos para com esse âmbito social.

Para dar seguimento à reflexão que tenho feito, atrevo-me a exemplificar com outro fato marcante que trago comigo nesses anos todos como profissional. Tal fato aconteceu em 1995, quando entrei pela primeira vez em sala de aula, em uma turma que poderia chamar de minha. Eu concluí o magistério em 1994 e, em seguida, comecei a lecionar, sem muitos ensaios ou quase nenhum. Na verdade, nesse momento, nascia uma inocente “tia”. Com apenas 18 anos, fui recebida numa escola da zona rural, onde todas eram “tias” e eu, recém-chegada, fui incorporada ao quadro escolar como apenas mais uma tia de quinze crianças com média de idade de quatro anos. Crianças que também estavam vivendo uma primeira experiência no ambiente “escolarizado”, pois, como sabemos, o sistema é assim, funciona assim e você é apenas mais uma peça dele. Contudo, eu sempre fui inconformada com essa situação.

Neste mesmo ano, comecei a graduação em Pedagogia e tive contato com o seu livro: “Professora Sim, Tia Não”, publicado em 1993. Confesso que ser chamada de tia nesse contexto me incomodou desde o primeiro momento em que iniciei a carreira docente. Depois, tive a iniciativa de comprar com o meu próprio dinheiro um crachá para cada criança, inclusive para mim, e, num processo dialógico, enfatizei o uso do nome e, assim, todos começaram a me tratar pelo nome pessoal ou como professora. Considerava-me empoderada, apesar da tenra idade, e, mesmo que ainda me faltasse experiência e que outros colegas me olhassem de modo retorcido, penso que eu transgredi uma regra e fiquei conhecida pelos meus alunos, seus familiares e comunidade como PROFESSORA.

Trabalhei alguns anos nessa mesma comunidade. Mais tarde, agora licenciada em Pedagogia e já atuando na carreira após prestar concurso público, era a mais jovem do grupo de professoras. Aqui – neste micromunicípio da Zona da Mata Mineira, com pouco mais de sete mil habitantes – resido e continuo a minha carreira. No entanto, sempre pensei e procurei pensar diferente, ver além das possibilidades, adquirir mais conhecimentos, possibilitar a mudança de olhar, fazer a diferença na vida daqueles que por mim passassem, fossem crianças ou colegas de trabalho. Procurei nunca me deixar abater ou ser manipulada por aqueles que querem nos silenciar, abnegar nossos direitos, impedir a realização de nossos sonhos e nos tornar invisibilizadas na luta da construção coletiva, por nós e pelos outros.

Em certa oportunidade, quando trabalhei como pedagoga na Secretaria Municipal de Educação (2005-2012), utilizei novamente da necessidade de ousadia, ao idealizar e realizar formação continuada para os pares e para todos os segmentos da educação. Além disso, esse empenho também se fez necessário quando participei ativamente da elaboração do Plano de Carreira e de muitos outros projetos educacionais neste local. Pode ter certeza, Paulo, que eu nunca fugi da luta, nem tão pouco à luta.

Mas sabes bem, querido educador, ser professora, estar professora, exercer a profissão que se escolheu e se preparou para tal, reconhecer a necessidade de assumir com

dignidade sua profissão, de lutar por seus direitos não é luta fácil, não é para qualquer um. É preciso muito mais do que ousar. É preciso forças para resistir, é preciso conhecimento, autoconhecimento e disciplina para que, resistindo às intempéries se possa mudar e compartilhar a mudança com os pares, numa prática que precisa estar alinhada às ideias que visam à democracia. Nisso, os professores exercem um papel fundamental, porque, sabemos bem, que só através de uma educação de qualidade para todos e que prime pelo respeito ao próximo é que poderemos participar da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ah, ainda acredito que você gostaria muito de saber que por aqui estamos vivendo o processo de transição de governo, renovando as esperanças no campo educacional. Depois de quatro anos difíceis para nós educadores deste país, temos novamente na presidência o Lula, que você tão bem conheceu. A memória de seus feitos pela educação me faz esperar por tempos melhores.

Espero que nesse novo tempo, o medo dê lugar à liberdade, e as professoras, como profissionais, possam, de fato, cumprir com mais um de seus inúmeros deveres, posicionando-se perante os seus alunos, a família e toda a sociedade. Não de forma isolada, mas em posição de união na luta democrática, lugar sagrado, no qual os professores deixam vir à tona os valores da democracia. Anseio, também, que a prática profissional das docentes seja, de fato, o motivo de uma avaliação que enobreça, que cobre e busque melhorias, numa parceria harmônica entre a teoria e a prática e que elas não precisem mais ser confundidas ou associadas às tias, o que tanto camufla sua importância e ação na sociedade.

Paulo Freire, por falar em tia, fico pensando em como encontrarei as escolas, as colegas e as crianças após o retorno do mestrado. Digo isso, porque depois de vinte e sete anos de serviços prestados a uma instituição municipal e, quase vinte a outra, fomos surpreendidos por uma pandemia que migrou o nosso trabalho para o on-line, levando-nos a conviver diariamente com as tecnologias e proporcionando-nos um universo educacional totalmente novo, no qual as salas de aula foram trocadas pelas telas dos computadores. Como sempre gostei de estudar, aproveitei esse novo tempo para participar da Extensão Universitária, nas mais diferentes Universidades do país e de outras inúmeras formações continuadas, o que reacendeu em mim o entusiasmo em cursar o Mestrado em Educação, na tão sonhada Universidade Federal de Viçosa.

Estou finalizando o primeiro ano desta pós-graduação tão sonhada e construindo meu projeto de pesquisa, cuja temática envolve a formação continuada de professores da Educação Infantil. Nesse momento, Freire, vivendo as alegrias e as dores desse feito, usufruo do direito assegurado, na já citada LDB, de Licença Especial para cursar o Mestrado, processo esse que realizo com muita ousadia e transgressão, ao considerar a minha origem e a trajetória profissional que construí até aqui. Mas, essa é outra história.

Reconheço que existe um fator crucial a pensar antes de iniciar qualquer projeto na vida: O QUERER. E este eu tenho inerente ao meu ser de educadora, que acredita na contribuição dessa formação para a melhoria da minha prática docente, para a possibilidade de mudança de olhar nas instituições em que trabalho e, também, com meus pares e, por último e não menos importante, para a consciência de um lugar no mundo.

A noite caiu e o cenário aqui fora já é outro. E eu, o sujeito pensante, vou adentrar ao departamento e, em um desempenho reflexivo, tomada por todas as indagações que a sua leitura me trouxe e, também, por toda a compreensão que te ler sempre me passa, irei escrever o que sei e sobre o que acabei de pensar. Pode ter certeza, amado patrono, que não

serei a mesma e espero também que todos que tiverem a oportunidade de ler essas breves palavras também não sejam e consigam compreender ainda mais a importância do professor na formação pedagógica-humana-afetiva do discente, que vai além do ser apenas tia, mas perpassa todo o ser humano que ali se constrói, questão que tento sempre levar como ponto chave no meu exercício diário como profissional e humana.

Querido Paulo, receba meu abraço de admiração.  
Com carinho,